

## A FILOSOFIA, OS EMBATES POLÍTICOS, A EMPATIA, A INCLUSÃO, OS SENTIDOS DA VIDA E DA MORTE NA PANDEMIA

Odorico Ferreira Cardoso Neto<sup>1</sup>

### Resumo:

O relato<sup>2</sup> é uma das sete ações do projeto "Educação em tempos de pandemia: contribuições das Ciências Humanas e Sociais", desenvolvido por um grupo de professores do curso de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ICHS, do Campus Universitário do Araguaia/CUA, ligados às áreas de Filosofia, Sociologia, Pedagogia, Psicologia e Ciências Políticas. O evento aconteceu em Barra do Garças-MT no período compreendido entre 08/09/2020 e 20/11/2020. O tema desenvolvido é parte da 7ª ação, cujo tema "A filosofia, os embates políticos, a empatia, a inclusão, os sentidos da vida e da morte na pandemia" teve como objetivo multiplicar o gosto pela reflexão, pela capacidade de ler o mundo sob a batuta da liberdade, baseado de fios condutores para que didaticamente se construísse uma análise da realidade abalizada no vigor da ciência. Ao fim e ao cabo, se busca ajuda mútua entre professores (as) e acadêmicos (as) para que enfrentem momento tão complexo: a morte não consegue se explicar diante da vida, se discute um "novo normal", pois o "antigo normal" não conhecia a pandemia, ela impôs isolamento social, mostrou a falta de empatia governamental a produziu desafios que traumatizaram o já dito e o já posto. A metodologia do relato foi construída por meio de pesquisa bibliográfica, os resultados estão ligados à reflexão de como entramos na pandemia e de como sairemos dela. As conclusões, que inconclusas, mostram o como todos e todas precisamos nos humanizar, dimensionar nossos melhores esforços em nome da empatia e da solidariedade.

### Palavras-chave:

Filosofia. Empatia. Inclusão. Morte. Pandemia

## PHILOSOPHY, POLITICAL STRUGGLES, EMPATHY, INCLUSION, THE MEANINGS OF LIFE AND DEATH IN THE PANDEMIC

### Abstract:

The report is one of the seven actions of the project "Education in times of pandemic: contributions of the Human and Social Sciences", developed by a group of professors from the Literature course at the Institute of Human and Social Sciences/ICHS, from the University Campus of Araguaia/ CUA, linked to the areas of Philosophy, Sociology, Pedagogy, Psychology and Political Science. The event took place in Barra do Garças-MT in the period between 09/08/2020 and 11/20/2020. The theme developed is part of the 7th action, whose theme "Philosophy, political clashes, empathy, inclusion, the meanings of life and death in the pandemic" aimed to multiply the taste for reflection, the ability to read the world under the baton of freedom, based on conducting threads so that an analysis of reality based on the vigor of science could be didactically built. In the end, mutual help is sought between teachers and academics so that they can face such a complex moment: death cannot explain itself to life, a "new normal" is discussed, as the "old normal" " did not know about the pandemic, it imposed social isolation, showed the lack of government empathy and produced challenges that

<sup>1</sup> Doutor em Educação. UFMT/CUA/ICHS. E-mail (kikoptbg@gmail.com)

<sup>2</sup> Já passados meses da realização da ação dentro projeto, resolvi escrever o relato atualizando os dados da pandemia.

traumatized what has already been said and what has already been established. The methodology of the report was built through bibliographical research, the results are linked to the reflection of how we got into the pandemic and how we will get out of it. The conclusions, which are inconclusive, show how we all need to humanize ourselves, scale our best efforts in the name of empathy and solidarity.

**Keywords:**

Philosophy. Empathy. Inclusion. Death. Pandemic

## **FILOSOFÍA, LUCHAS POLÍTICAS, EMPATÍA, INCLUSIÓN, LOS SENTIDOS DE LA VIDA Y LA MUERTE EN LA PANDEMIA**

**Resumen:**

El informe es una de las siete acciones del proyecto "Educación en tiempos de pandemia: aportes de las Ciencias Humanas y Sociales", desarrollado por un grupo de profesores del curso de Literatura del Instituto de Ciencias Humanas y Sociales / ICHS, del Campus Universitario de Araguaia / CUA, vinculado a las áreas de Filosofía, Sociología, Pedagogía, Psicología y Ciencias Políticas. El evento tuvo lugar en Barra do Garças-MT en el período comprendido entre el 08/09/2020 y el 20/11/2020. El tema desarrollado forma parte de la 7ª acción, cuyo tema "Filosofía, enfrentamientos políticos, empatía, inclusión, los significados de la vida y la muerte en la pandemia" tuvo como objetivo multiplicar el gusto por la reflexión, la capacidad de leer el mundo bajo la batuta de libertad, basada en la conducción de hilos para que se construya didácticamente un análisis de la realidad basado en el vigor de la ciencia. Al final, se busca la ayuda mutua entre docentes y académicos para que puedan afrontar un momento tan complejo: la muerte no puede explicarse a la vida, se discute una "nueva normalidad", ya que la "vieja normalidad" "no conocía la pandemia, impuso el aislamiento social, mostró la falta de empatía del gobierno y produjo desafíos que traumatizaron lo ya dicho y lo ya establecido. La metodología del informe se construyó a través de la investigación bibliográfica, los resultados están vinculados a la reflexión de cómo llegamos a la pandemia y cómo saldremos de ella. Las conclusiones, que no son concluyentes, muestran cómo todos necesitamos humanizarnos, escalar nuestros mejores esfuerzos en nombre de la empatía y la solidaridad.

**Palabras clave:** Filosofía. Empatía. Inclusión. Muerte. Pandemia

### **Introdução**

A princípio, as pessoas tinham aceitado estarem isoladas do exterior como teriam aceitado qualquer outro inconveniente temporário que apenas perturbasse alguns de seus hábitos. Mas, subitamente conscientes de uma espécie de sequestro sob a tampa do céu em que o verão começava a crepitar, sentiam confusamente que essa reclusão lhes ameaçava toda a vida e, chegada a noite, a energia que recuperavam com o frescor lançava-os por vezes a atos de desespero. (CAMUS, 2009, p.97)

O relato apresentado faz parte de uma das sete ações do projeto "Educação em tempos de pandemia: contribuições das Ciências Humanas e Sociais", desenvolvido por um grupo de professores do curso de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ICHS, do Campus Universitário do Araguaia/CUA, ligados às áreas de Filosofia, Sociologia, Pedagogia, Psicologia e Ciências Políticas. A projeto foi desenvolvido em Barra do Garças-MT no período compreendido entre 08/09/2020 e 20/11/2020.

O tema desenvolvido foi a 7ª ação do projeto, cujo tema “A filosofia, os embates políticos, a empatia, a inclusão, os sentidos da vida e da morte na pandemia” teve como objetivo multiplicar o gosto pela reflexão, pela capacidade de ler o mundo sob a batuta da liberdade, um pouco tutelada por um diálogo orgânico, esmerado de fios condutores para que didaticamente se construísse uma análise da realidade baseada no vigor da ciência que tem coração, pede afeto, pede abraço, pede carinho, pede razão, tolerância, respeito às diferenças, que é plural e diametralmente contraditória; uma nau sem rumo, sem lenço, sem documento, pede paz, mas se engalfinha nas suas guerras mais mesquinhas.

Ao fim e ao cabo, professores e acadêmicos estão em busca de amparo profissional, afetivo, acadêmico, didático-pedagógico para que não se percam apenas na lamentação. Reagir à morte é se convencer que a vida não é linear, que pode ser posta à prova com o advento de um “novo normal”, pois o “antigo normal” não conhecia a pandemia. A pandemia impôs isolamento social, descobriu-se da pior maneira a falta de empatia governamental, por isso, o momento é de superação dos traumas que acometeram o já dito e o já posto, somos convocados a cultivar a esperança em terra árida, lavada de dor, de sofrimento, de inquietação.

A narrativa do relato constituiu-se na dimensão do seguinte cenário programático: análise da filosofia na perspectiva da vida e da morte; as relações entre política, empatia e pandemia e as intersecções Inclusão, os sentidos da vida e a realidade.

Necessário lembrar que o projeto foi desenvolvido em virtude da decisão do curso de Letras de respeitar os protocolos da OMS, em vista da falta de controle sanitário, pela insegurança gerada pela falta de governança, especialmente, do governo federal, pelas condições desiguais dadas para o acesso às tecnologias da informação, que seria temerário e, até, desrespeitoso oferecer disciplinas obrigatórias em tempos de pandemia mesmo que fosse na sua versão remota.

### **Filosofia na perspectiva da vida e da morte**

O cenário de Barra do Garças-MT até dia 28/04/2021 era de 216 óbitos causados pela Covid-19. O boletim apresentado pela Prefeitura da cidade indica outros números:

**Figura 1:** Boletim Coronavírus em Barra do Garças-MT (28/04/2021)



Fonte: Prefeitura Municipal de Barra do Garças

O estado de Mato Grosso, segundo os dados da SES-MT, na quarta-feira (28/04/21) somava 358.718 casos confirmados da Covid-19, sendo registrados 9.696 óbitos em decorrência, no país superamos 400 mil mortes no dia 29/04/21. A pandemia e seus efeitos estão sem comando, o governo central que devia comandar as ações é claudicante, não sabe o que fazer e como fazer. Não sabendo o que fazer desrespeita o povo brasileiro, chamando-o de maricas. Evidentemente, que existem reações como a apresentada abaixo:

"Antes fôssemos um País de maricas"

Com as ruas coloridas, glitter no rosto e Freddie Mercury fazendo a trilha sonora.

Antes fôssemos um bando de maricas, andando de mãos dadas, onde o afeto seria mais que normal – seria a regra, mesmo que entre dois homens.

Aliás, antes estes homens fossem maricas e pudessem chorar, pudessem se mostrar fracos, o que inevitavelmente os tornaria finalmente humanos.

Antes fôssemos um País de maricas e, ao abordar uma mulher, seria para elogiar seu cabelo. Ou o novo scarpin. Ou dizer bom dia.

Não somos um País de maricas. Somos um País de machos, brancos, heterossexuais. Somos um País de estupradores sem intenção, de assediadores não punidos, de gente que não consegue tirar seus privilégios do armário.

Somos um País de homens que no lugar de seus inúteis falos exibem simulações de revólveres com as mãos, que em nome de Deus roubam, matam, censuram e disseminam todo tipo de preconceito imaginável.

Somos o País onde o outro é viado, a outra é puta, o estudante é maconheiro, o professor é comunista, o cientista é globalista e a Terra é plana.

Por favor, me diga, Jair, onde é este país de maricas. É lá que vou morar."

Rafael Cury

Os descaminhos em relação ao comando da pandemia estão muito ligados ao Presidente da República que se apresenta como um negacionista convicto, a chamar o povo de “maricas”, ao nomear a pandemia como “gripezinha”, ao negar-se a comprar vacinas (70 milhões de doses da Pfizer já em julho de 2020).

Os sentidos da vida e da morte na pandemia, tendo em vista a maneira como é tratada no Brasil é a imagem e semelhança do seu representante maior no Poder Executivo. Por ser tão obcecado pela morte, uma de suas principais políticas de governo é a liberação do comércio de armas e munições. Por exemplo, questionado à porta do palácio presidencial se não se importava com as vítimas da pandemia, respondeu: “Não estou acreditando nesses números” (27/3/2020, 92 mortes); “Todos nós iremos morrer um dia” (29/3/2020, 136 mortes); “E daí? Quer que eu faça o quê?” (28/4/2020, 5.017 mortes). Frei Beto, escrevendo aos amigos no dia 29/04/2020, diria o que? Provavelmente, mais estarecido juntar-se-ia a Montaigne (2010) e diria:

A contínua obra de vossa vida é construir a morte. Estais na morte enquanto estais em vida, pois estais depois da morte quando não mais estais em vida. Ou, se assim o preferis, estais morto depois da vida, mas durante a vida estais morrendo e a morte toca bem mais brutalmente o moribundo que o morto, e mais viva e mais essencialmente (MONTAIGNE, 2010, p. 78).

O viés ideológico da morte proclamada por uma parte de nossas autoridades governamentais faz com que estejamos sempre perplexos, quase “abobalhados” por tantas sandices repetidas como se verdades fossem: coquetéis de remédios que não servem para aplacar os efeitos do vírus, por exemplo, hidroxicloroquina/cloroquina, ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e colchicina.

No afã de negar a ciência, lançou-se o mantra do uso do chamado "kit Covid", que segundo apurou a jornalista Marcela Tosi,

(...) levou cinco pacientes à fila do transplante de fígado em São Paulo e está sendo apontado como causa de ao menos três mortes por hepatite causada por remédios tratamento precoce que levou muitos brasileiros à fila de transplante de fígado. (O POVO, 23/03/21)

Camus, na obra *A Peste* nos faz refletir profundamente sobre nossa morte anunciada: “O que é verdade em relação aos males deste mundo é também verdade em relação à peste. Pode servir para engrandecer alguns. No entanto, quando se vê a miséria e a dor que ela traz, é preciso ser louco, cego ou covarde para se resignar à peste.” (CAMUS, 2009, p.120)

### **Política, empatia e pandemia**

O covid-19 desnudou ainda mais o atual governo e produziu atos de insanidade político-administrativa completamente dissociadas da liturgia do poder, tendo em vista que respeito ao luto das pessoas, solidariedade, empatia não fazem parte do cardápio governamental. As pessoas fragilizadas precisam de carinho, a morte abruptamente passou a fazer parte do cotidiano, a pandemia nos obrigou a encarar o luto. Na peste de Atenas, em 430 a.C. os familiares deixavam de praticar seus rituais fúnebres por medo da contaminação. A Covid-19 nos confronta cotidianamente com imagens de valas comuns à espera de caixões lacrados e enterros rápidos. Segue um trecho do relato de Tucídides:

[...] as pessoas eram atacadas primeiro por intenso calor na cabeça e vermelhidão e inflamação nos olhos, e as partes internas da boca (tanto a garganta quanto a língua) ficavam imediatamente da cor de sangue e passavam a exalar um hálito anormal e fétido. No estágio seguinte apareciam espirros e rouquidão, e pouco tempo depois o mal descia para o peito, seguindo-se tosse forte. Quando o mal se fixava no estômago, este ficava perturbado e ocorriam vômitos de bile de todos os tipos mencionados pelos médicos, seguidos também de terrível mal-estar, em muitos casos sobrevinham ânsias de vômito produzindo convulsões violentas, que às vezes cessavam rapidamente, às vezes muito tempo depois. (TUCÍDIDES, 2001, p. 117-118)

A ausência do ato de prantear e enterrar os mortos permite refletir sobre as vidas precárias do mundo contemporâneo, tema da filósofa norte-americana Judith Butler (2019, p.1): “aprender a enlutar-se pelas mortes em massa significa marcar a perda de alguém cujo nome você não sabe, cuja língua você talvez não fale, que vive a uma distância intransponível de onde você mora.” Para ela, “o luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades.

A educação e a escola também se viram enlutadas de ações concretas para, por exemplo, conseguir estancar a sangria das crianças, adolescentes e jovens que abandonaram a escola. Segundo pesquisa C6 Bank/Datafolha (2021):

(...) as dificuldades impostas pela pandemia fizeram com que 4 milhões de estudantes brasileiros, com idades entre 6 e 34 anos, abandonassem os estudos em 2020. Com isso, a taxa de abandono escolar chegou a 8,4% em 2020, entre os que pararam de estudar em 2020, 17,4% não têm intenção de voltar em 2021.

Nossa educação em todas as etapas e modalidades foi relegada ao pior por falta de vontade política, tendo em vista que os ministros escolhidos para estarem à frente do Ministério da Educação (MEC) também são negacionistas como o chefe do executivo, faltou planejamento, induziu-se o tempo todo ao esvaziamento de iniciativas, de ações e a educação ficou esquecida em meio ao processo pandêmico. Os governadores e muitos prefeitos tiveram que tomar para si responsabilidades que eram do governo central em vista de sua inação, ineficácia e incompetência institucional. Além disso, evidenciou um fracasso coletivo dos sistemas de educação em incentivar formas democráticas de engajamento e de colaboração entre cidadãos e governos de todas as regiões do mundo, no Brasil não foi diferente aprofundando a desigualdade social em todos os setores da sociedade organizada. A pensadora Judith Butler (2020) aponta:

A desigualdade social e econômica garantirá a discriminação do vírus. O vírus por si só não discrimina, mas nós humanos certamente o fazemos, moldados e movidos como somos pelos poderes casados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo. Parece provável que passaremos a ver no próximo ano um cenário doloroso no qual algumas criaturas humanas afirmam seu direito de viver ao custo de outras, reinscrevendo a distinção espúria entre vidas passíveis e não passíveis de luto, isto é, entre aqueles que devem ser protegidos contra a morte a qualquer custo e aqueles cujas vidas são consideradas não valerem o bastante para ser salvaguardadas contra a doença e a morte. (BUTLER, 13/07/2020).

As atitudes que aprofundam a desigualdade social atingem em maior e/ou menor grau estados e municípios. Exemplo dessa atuação no campo educacional é o que vem acontecendo com as universidades, os institutos federais, a diminuição sistemática de recursos para prover a ciência e tecnologia, as bolsas de estudos na pós-graduação, graduação, monitoria e outras tantas políticas públicas de Estado para a educação. Todo esse movimento constitui ações pulverizadas por terraplanistas, negacionistas emperdenidos assentados em

cargos estratégicos para banir “esquerdopatas” amantes do legado de Paulo Freire na educação brasileira.

A pandemia aprofundou o desemprego, ampliou as dificuldade de acesso à educação de qualidade, aumentou a fome, mostrou mais ainda o quanto é frágil o acesso a serviços que são básicos, como transporte público, saneamento básico e moradia, aumentou as taxas de criminalidade, diminuiu o acesso à cultura e lazer, aumentou as taxas de desnutrição e mortalidade infantil, diminuiu os índices de crescimento econômico do país, produziu aumento nos preconceitos de gênero, raça e cor, aumentou o número de feminicídios. Não bastasse a morte, precarizou ainda mais a vida. Camus (2009) em um quadro hipotético ofereceu-nos a seguinte análise:

(...) que é verdade em relação aos males deste mundo é também verdade em relação à peste. Pode servir para engrandecer alguns. No entanto, quando se vê a miséria e a dor que ela traz, é preciso ser louco, cego ou covarde para se resignar à peste”. (CAMUS, 2009, p.120)

O cenário da salvaguarda contra a doença e a morte torna-se cada vez mais restrito, pois a ingerência de uma teocracia neopentecostal atrasada, nazifascistas, que mistura o privado com o público, criando e incitando notícias falsas (*fake news*), que tem pouco ou nenhum apreço pela liturgia do poder, age descontruindo boa parte das políticas públicas implementadas em quase duas décadas em todas as esferas e escalões de poder em Brasília. O eleito com 57 milhões em 2018 é a voz, o rosto, o sentido e o projeto para quem a

(...) desrealização da perda – a insensibilidade ao sofrimento humano e à morte – torna-se o mecanismo de realização da desumanização. Essa desrealização não ocorre nem dentro e nem fora da imagem, mas no próprio enquadramento em que a imagem está contida (BUTLER, 2019, p.179)

### **Inclusão, os sentidos da vida e a realidade**

A pandemia, o isolamento e o medo põem questões que vão mais além das relativas a como levar uma vida “normal”, por produzirem indagações sobre o próprio sentido da vida.

Vivemos uma situação de guerra com muita gente achando que é de festa, de deboche à vida humana, estamos frágeis, cheios de perplexidades, a ideia da falta de normalidade assombra, o sentido e o sentimento de emergência tomam conta do dia a dia. Paulo Freire, em estando vivo, reafirmaria sobre nosso ser homem: “[...] ser finito, limitado,

inconcluso, mas consciente de sua inconclusão. Por isso, um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo” (FREIRE, 2001, p.12).

Em sendo assim, a morte é uma questão existencial primeira da condição humana, essa que coloca o homem diante do nada, do limite da condição humana. Ela é o horizonte de cada um, por mais que pensemos nela ou não. Verdade, mas os limites impostos, o luto em estado bruto, que nunca acaba, sem poder velar os entes queridos produz profunda angústia. Camus (2009) profetiza na sua obra *A Peste* em 1947:

Pela primeira vez, os separados não tinham aversão a falar dos ausentes, a usar a linguagem de todos, a examinar a sua separação sob o mesmo enfoque que as estatísticas da epidemia. Enquanto, até então, tinham subtraído ferozmente o seu sofrimento à desgraça coletiva, aceitavam agora a confusão. Sem memória e sem esperança, instalavam-se no presente. Na verdade, tudo se tornava presente para eles. A peste, é preciso que se diga, tirara a todos o poder do amor e até mesmo da amizade. Porque o amor exige um pouco de futuro e para nós só havia instantes. (CAMUS, 2009, p. 173)

A morte muito presente é inimiga invisível, que se soma à fadiga das pessoas, cansadas do isolamento social, pessoas que se esquecem: o vírus não se fadiga de dizimar sonhos, esperanças, sabendo-se, especificamente, não existir vacinas para todos. E a turba que nega o medo, finge que é brincadeira. Tem gente que resolveu respirar ou aspirar a morte, pois falta sensibilidade para se sentir a ausência, a tristeza da perda. Por outro lado, há pessoas que estão apavoradas, sentem muito medo, tomam todos os cuidados: lavam as mãos o tempo todo, usam álcool gel, evitam aglomeração.

A filosofia pode nos ajudar a respeitar a morte? O isolamento a que todos foram submetidos é paradoxal, pois se obrigou uns olharem para os outros, vizinhos que nunca conversaram, gente pouco afeita a dizer bom dia, boa tarde se sentiu só, sentiu falta de calor humano, sentiu falta de afeto, as pessoas dos ditos grupos de risco se sentiram abandonadas. O que aconteceu? Na chamada primeira onda da epidemia, vimos cantorias na janela e concertos em sacadas para alegrar o confinamento e campanhas *online* para priorizar pequenos negócios, vimos jovens e pessoas em geral se disponibilizarem a fazer compras para que os mais vulneráveis não precisassem sair de suas casas.

O poder da empatia e da solidariedade fez com que tivéssemos esperança na humanidade, profundamente, desumanizada. Para o prof. Marcos Carvalho Lopes, “algo modificou o cotidiano e quebrou a sequência de hábitos, fazendo com que as pessoas ficassem

reflexivas, num "diálogo da alma com elas mesmas". Daí a importância de devolver a filosofia ao cotidiano". (MOURA; MARASCIULO, 2020)

Em linhas gerais, a inclusão, os sentidos da vida e a realidade, independentemente da linha filosófica mostram como as ações individuais afetam a todos, especialmente, na pandemia. O filósofo Fernando de Sá Moreira, professor da UFF (Universidade Federal Fluminense) afirma que

ainda estamos muito reféns da ideia de que 'minhas ações dizem somente respeito a mim, e aquilo que acontecer comigo no futuro é uma consequência direta e unicamente das minhas ações. Mas as consequências da pandemia sempre se dão no coletivo. (MOURA; MARASCIULO, 2020)

Os simples mortais, as pessoas do povo em sua grande maioria se sentiram solidários, cheios de afeto, contudo algumas autoridades mostraram-se totalmente alheias, ao contrário, reforçaram preconceitos, ridicularizaram quem fez distanciamento social. O presidente chamou de “maricas” aqueles que se dispuseram a seguir as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

A resposta, da maioria das pessoas ao buscarem pelo sentido da vida, foi socrática: “só sei que nada sei”. Em tempos de quarentena, aprofundou-se a dimensão humana da humildade socrática. Nós não queremos estar sozinhos na multidão, buscamos remédio na filosofia.

A filosofia não serve para tratar só da minha crise existencial, mas da nossa crise existencial, da nossa crise política, da nossa crise ética, e assim por diante. A *ágora* — termo grego para praças públicas na Grécia Antiga, usadas para reuniões e assembleias — está fechada neste momento para evitar aglomerações, mas a filosofia pode ajudar, mesmo que a distância, a deixar tudo pronto para quando pudermos reabri-la. (MOURA; MARASCIULO, 2020)

Quando a *ágora* estiver reaberta, teremos que superar a maldade daqueles que perderam o caminho da solidariedade para superar o vaticínio de Platão, na obra *Apologia de Sócrates*: “Se a morte fosse mesmo o fim de tudo, seria isso um ótimo negócio para os perversos, pois ao morrer teriam canceladas todas as maldades, não apenas do seu corpo mas também de sua alma.”

## Considerações finais

Diante da pandemia temos muitos desafios, pois “já não somos os mesmos”, não sei se sairemos piores ou melhores, mas precisamos superar o nosso luto, nossas dores e colocar em andamento projetos que dimensionem um “novo normal”, poderíamos até falar de um normal vestido com outras cores, em nome de que outro mundo seja possível.

Para tanto, necessitamos produzir sem falsear a realidade outra construção histórica a favor da vida, estabelecer consensos possíveis sobre como enfrentar o “novo normal” e velhos dilemas, entre eles, recuperar 4 milhões de alunos da educação básica que abandonaram a escola e não têm perspectiva de retorno.

Nossa utopia se constitui como realidade em vista de termos autonomia vivencial e autonomia institucional para criativamente produzirmos novos cenários, narrativas, lugares de fala em que a liberdade seja parâmetro democrático e de cidadania. Qual o propósito? Superação da ação política de um governo para alcançar a consolidação da ação política de Estado. Historicamente, tivemos problemas na passagem de governos, aptos e dispostos a destruir tudo que foi feito por aqueles que deixaram o poder. Tudo isso gera descontinuidades e a falta de um olhar amplo para a organizar o Estado. Precisamos de uma *ágora* sempre em movimento.

Querendo avançar para superar nossas fraquezas potencializadas pela pandemia, mais do que nunca, é necessário afirmar e reafirmar a educação como direito universal, como dever do estado e como compromisso da sociedade.

O enfrentamento da pandemia significa lutar pela vida, pois é preciso enfrentar a morte de forma que a educação ajude a formar cidadãos médicos, educadores, engenheiros, advogados e tantos outros em nome da transformação social, da emancipação, da consciência crítica da realidade. Apostamos que a educação deva estar no centro das atenções para pensar e construir outro mundo possível.

Não existem super-heróis, mas educadoras e educadores que movem a TERRA todos os dias, existe a filosofia para que ajamos, não só nos espantemos, mas inquiramos, reflitamos a fim de que nunca mais permitamos ser governados por negacionistas, terraplanistas e despreparados. A morte não nos vencerá, pois renascemos, somos fênix angustiadas, mas todas e todos não temos medo de buscar “a vida boa”, a *pólis* liberta e, inexoravelmente comprometida, com a ideia de outro mundo possível.

## Referências

BETO, FREI. **Carta aos amigos e amigas do exterior**. Disponível em: <http://www.conexajornalismo.com.br/colunas/cultura/novasmidias/frei-betto-e-a-carta-em-que-alerta-amigos-no-exterior-do-genocidio-de-bolsonaro>. Acesso em: 19 jul.2020.

C6 BANK/DATAFOLHA. **4 milhões abandonaram escola na pandemia, aponta pesquisa**. Disponível: <https://www.bonde.com.br/educacao/noticias/4-milhoes-abandonaram-escola-na-pandemia-aponta-pesquisa-531163.html> . Acesso: 30 abr. 2021.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CAMUS, Albert. **A peste**. Tradução: Valerie Rumjanek Chaves. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CARTA CAPITAL. **Judith Butler: O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades**. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Judith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades/6/47390> . Acesso em: 30 abr. 2021.

FIOCRUZ – OBSERVATÓRIO COVID 19. **Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>. Acesso em: 16 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MONTAIGNE, Michel de. Os Ensaios: uma seleção. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MOURA, Diego; MARASCIULO, Marília. **Mora na Filosofia: Teria a pandemia nos despertado do sono profundo para buscarmos respostas para a realidade que vivemos?** Disponível em: <https://tab.uol.com.br/educacao/filosofia-e-pandemia/#cover> . Acesso em: 19 jul. 2020.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

TOSI, Marcela. O Povo – "Kit Covid" leva pacientes à fila de transplante de fígado, afirmam médicos. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/coronavirus/2021/03/23/kit-covid--leva-pacientes-a-fila-de-transplante-de-figado--afirmam-medicos.html> . Acesso: 30 abr. 2021.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Brasília: Editora da UnB, 2001, p. 117-118.